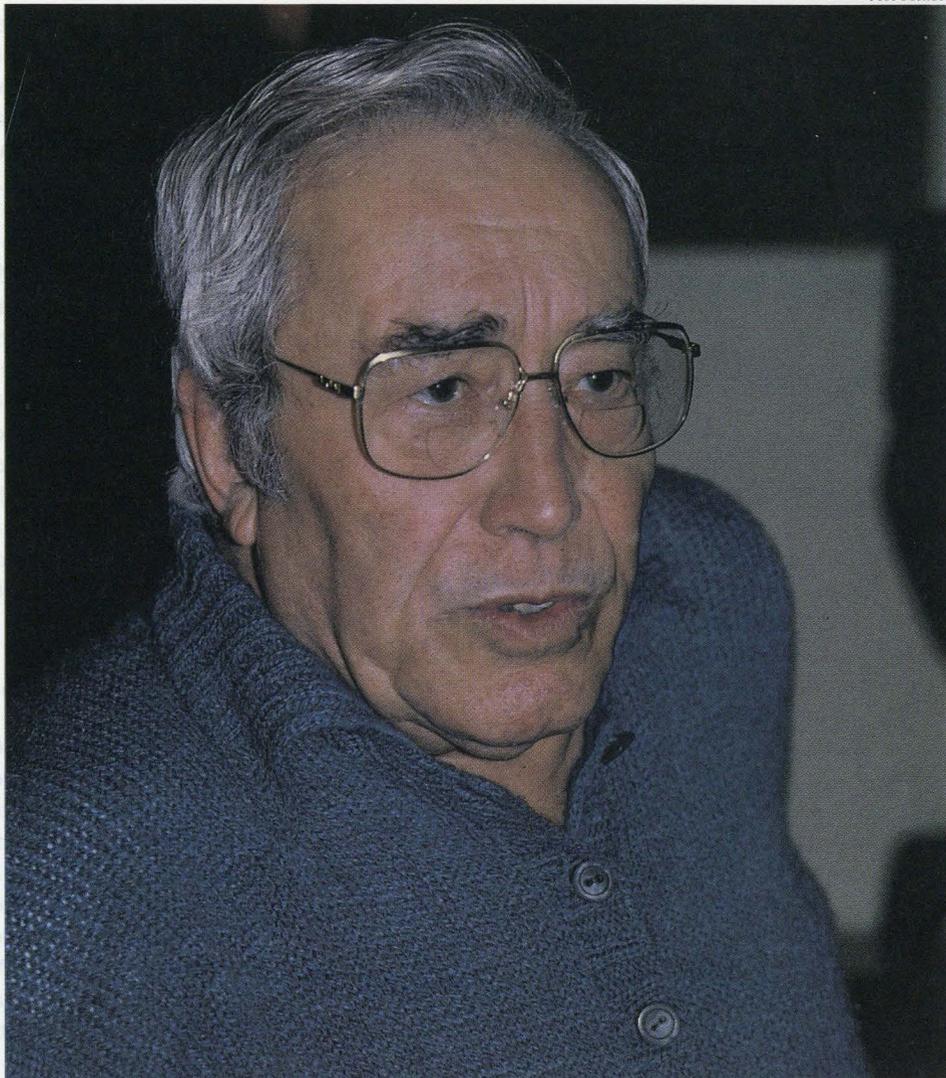


À CONVERSA COM...

Noesis, Abril/Junho 98

José Mendes



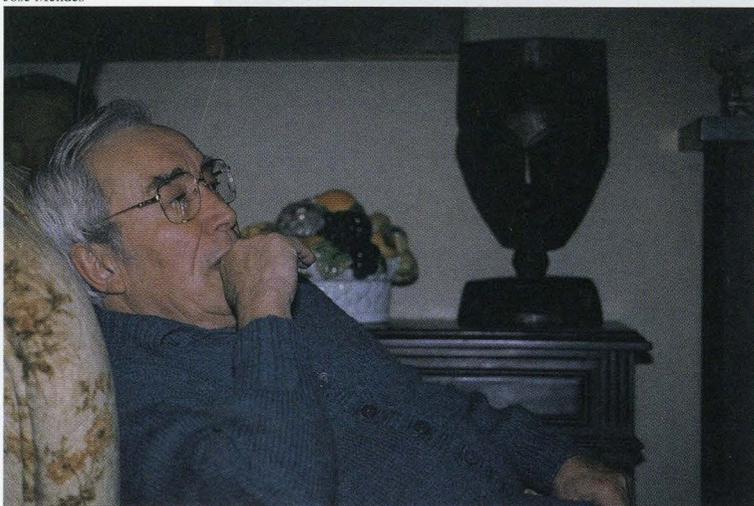
José Cardoso Pires

Esta conversa com José Cardoso Pires aconteceu pouco antes do seu recente internamento. As suas reflexões revelam alguns paradoxos dos cruzamentos (necessários) das palavras e das imagens, do saber e da política, da aprendizagem e das disciplinas, da literatura e do cinema.

À CONVERSA COM... JOSÉ CARDOSO PIRES

ENTREVISTA DE JOSÉ CARLOS ABRANTES

José Mendes



NOESIS: Como foi a sua escola?

JOSÉ CARDOSO PIRES: Nasci em 1925. Passei por um ensino que, na escola primária, era a barbárie. No secundário, era um ensino policiado (havia agentes da PIDE nalguns liceus). Havia professores da PIDE e outros por ela acobardados.

Quanto tinha 13 anos, estive no pátio do Liceu Camões (onde andei), juntamente com outros alunos, e na galeria estava o reitor. Era um pobre diabo, chamado Duarte Frazão, entre dois tipos nazis, fardados, com a cruz suástica, e nós todos a fazermos uma saudação nazi. Acho que não é preciso dizer mais nada. Os alunos passavam pelos professores na rua e tinham de os cumprimentar levantando o braço. Não se dizia uma palavra. Passávamos na rua e em vez de dizermos “Bom dia” ou “Boa tarde” era assim que se cumprimentava.

Isso foi nos anos 30...

Sim. Foi nos anos 30 e tal. Foi no final da guerra de Espanha, quando estava em grande glória o nazismo, o franquismo e o salazarismo (que nunca estiveram em grande glória, mas, enfim...). Lembro-me que alguns professores não respondiam, fingindo que não viam. Mas eram logo suspeitos. Muito poucos cumprimentavam desse modo com grande entusiasmo.

Mas nunca encontrou bons professores?

Fiz o 7.º ano (o actual 12.º ano) no Liceu Camões. No liceu, eu fui sempre um mau aluno.

Isso era uma reacção a esse ambiente autoritário?

Sim, eu sempre me senti mal na escola, porque era um tempo em que os alunos estavam diminuídos. O meu pai era oficial de marinha e, portanto, era muito viajado. Era um homem republicano, liberal. Mas eu tinha-me tornado um aluno difícil...

Não era propriamente o modelo de bom aluno...

Além de não ser bom aluno, também havia divisões sociais. Via-se claramente que alunos, filhos de determinadas pessoas, eram tratados pelos professores de determinada maneira. Havia assim umas divisões perfeitamente ridículas e abjectas. Eu andava sempre numa revolta interior: era a revolta de alguém que não se adaptava àquele ambiente.

Hoje considero que tinha quase 100 por cento de razão. Ensinar Português como se ensinava naquela altura!... Por exemplo, *Os Lusíadas*, era um comêndio para dividir orações. Resultado: eu não gostava de *Os Lusíadas*.

Não se pode gostar de uma obra, quando há uma imposição...

Os programas eram censurados. O Canto IX, Gil Vicente... E quando digo isto lembro-me mal, porque abri Gil Vicente cerca de duas vezes na minha vida escolar. E abri Camões talvez uma vez... e ficava logo mal disposto. Os professores começavam logo a perguntar-me o que era uma copulativa, uma disjuntiva ou qualquer coisa deste género. Nessa altura, eu nem sabia quem era Camões... Muito mais tarde, tive um professor bom mas, nessa altura, já eu tinha dado a volta por causa da Matemática.

Mas era bom porquê?

Esse professor era bom porque me entendeu bem. Pessoalmente, até era arrogante, mas eu digo que ele era bom porque no ano que eu estive com ele, em Química, consegui recuperar tudo, porque eu não sabia nada. Já abria um livro, já achava graça, já gostava de ver, de ouvir... Ele era um homem muito discreto e muito calado. Não era de grande convívio com os alunos, andava sempre sem companhia. Tive professores como o Câmara Reis, de Literatura, que era um bom professor. Mas era um bom professor, não para um liceu, mas para uma universidade. Ele partia do princípio de que toda a gente já sabia o mínimo. E 90% não sabia.

Portanto, dava aulas para níveis mais avançados...

A mim, esse professor deu literatura e foi um deslumbramento.

Porquê?

Porque ele falava de autores de que eu nunca tinha ouvido falar. Lembro-me muito bem que, nessa altura (eu já tinha 15 anos), li o grande escritor da minha vida, o Ferreira de Castro. Foi um contacto que me transformou. Já estava farto de Bernardim Ribeiro.

Houve outros professores?

Sim, no 6º ano, tive a sorte de ter encontrado um professor de Matemática, muito temido, chamado Alberto Beirão, que chumbava cavalaramente. Mas havia uma grande respeito por ele. Quando aparecia numa turma, ficava tudo com medo porque, para começar, dava logo uma vassourada. Esse professor gostava muito de falar de História da Matemática e isso interessou-me. Eu não terminei o curso de Matemática por causa de duas cadeiras.

Mas houve outro professor de Matemática...

Sim, houve. E era muito parecido com o Prof. Alberto Beirão. Ao explicar qualquer coisa, ele dizia, por exemplo, “este teorema foi inventado por Euclides. Quem foi Euclides?” Aquilo embalava as pessoas. De maneira que, pela primeira vez, tive notas razoáveis.

Foi um professor que o motivou...

Sim. Mas fiquei sempre com aversão ao sistema educativo. Considerei sempre que fui uma vítima do sistema. Provavelmente, se tivesse sido diferente, talvez não fosse mais feliz do que isto, porque nada me garante ...

Nada garante que outra escolaridade proporcionasse a carreira que teve...

Não pela carreira, mas talvez fizesse outra vida. Acho isto paradigmático porque prova que a culpa, naquele tempo, estava no sistema.

Na sua análise, a escola que teve foi sufocante do ponto de vista político.

Exactamente.

Isso já não se passa nas escolas de hoje...

Hoje, há outros problemas. A escola está cercada de solicitações de toda a ordem. Mas apesar de tudo, são menos perigosas as escolas de hoje do que as do meu tempo.

Porque abafavam o espírito...

E mais nada... E levaram ao desprezo brutal a que este país chegou.

É interessante ter-se afirmado do ponto de vista literário e ter tido um grande apego à Matemática.

Eu não acredito que para se saber escrever um livro

se tenha de ter um curso de letras. Pelo contrário. Lewis Carol escreveu as Aventuras de Alice e ficou imortal, mas era catedrático em Matemática. As coisas não são separadas. Por outro lado, pegando nas biografias de muitos cientistas, é inacreditável ver a cultura literária que muitos têm.

Ou seja, o conhecimento, a curiosidade, ...

Penso ou, melhor, tenho a intuição (mas não sei explicar porquê) que a combinação das Matemáticas com a Literatura seria de um enriquecimento extraordinário quer para um campo, quer para o outro. Mas agora oiço dizer que os miúdos não querem ouvir falar da Matemática... mas que também não querem ouvir falar do Português!!!. Ainda posso dizer que eles não querem ouvir falar das Matemáticas porque têm maus professores, mas do Português é por outras razões. Quando o deputado Lara tem um diálogo na televisão com um jornalista e este último diz “Senhor deputado houveram 14 mortos” e ele diz “Desculpe. Houveram 16”. Não é preciso saber Matemática. Não está errado por causa dos 14. Está errado por causa do “Houveram”. Eu até percebo que o Português seja mais difícil porque tem tudo contra ele. Tem uma sociedade toda contra ele.

Há factores a apontar em sentido contrário...

Sim. Há inclusivamente (mas já houve mais) um melhor tipo de escrita jornalística, uma escrita muito mais ligada à criação. Mas há também o monstro da televisão, que fere a língua. É muito grave, cria uma geração reles, pois tem um sistema baseado nas audiências. Procura-se satisfazer um público indiferenciado mas a chamada cultura de massas é tão inimiga da alta cultura como da cultura verdadeiramente popular.

Significa, então, que quem tem a culpa são os programadores?

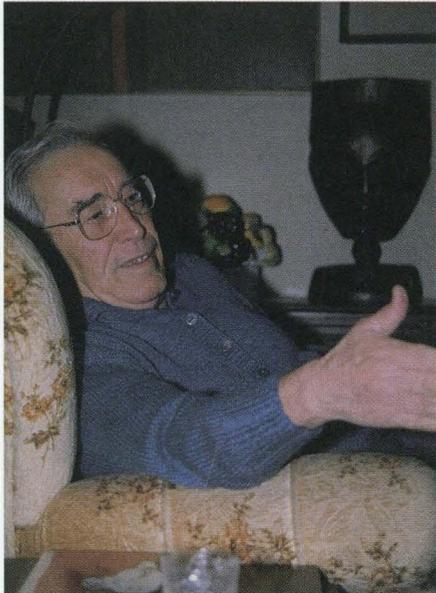
Exacto. É a política cultural da televisão. É a ideia que os responsáveis da televisão têm do que deve ser o país. Eles não sabem (ou não querem saber) que é 20 mil vezes pior um indivíduo que rebaixa a cultura do que aquele que a profibe.

É curioso...

Eu penso nisso. Porque aquele que a profibe está a correr riscos muito grandes. Está a dar a volta aos outros.

Pegando nas biografias de muitos cientistas, é inacreditável ver a cultura literária que muitos têm.

A chamada cultura de massas é tão inimiga da alta cultura como da cultura verdadeiramente popular.



Claro, está a fazer com que os outros se indignem.

Está a fazer com que os outros reajam. Agora, aquele que a rebaixa, com atractivos desse estilo, censura ao contrário. É vinte mil vezes pior. Toda a gente se queixa de que hoje os meninos já vêem homens a beijar-se, mulheres a beijar-se, etc. Para mim, é muito pior outras coisas que fazem aos meninos.

Como por exemplo?

A música pimba, os programas do além. E eu não os vejo!!! Mas a verdade é que todos temos a televisão ao pé.

Na sua formação, a escola não funcionou muito bem mas, pelo contrário, o cinema foi muito importante.

Sim, para mim e para toda a gente, na minha altura. Apesar de censurado, o cinema tinha coisas espantosas. Por exemplo, a aprendizagem viva. Um miúdo que aos 10 anos se via numa sala fechada a ver cinema está perante um excitante para a imaginação. Naquele tempo, íamos cravar o dinheiro ao pai, à mãe, à avó e lá iam ao cinema. Tínhamos de fingir que éramos mais velhos do que parecíamos...

Só isso já era um problema de identidade interessante...

Eles sabiam mas também faziam de conta que não sabiam porque o que lhes interessava era vender bilhetes. Depois, no liceu, era costume contar o filme aos outros. Isso está escrito, e muito bem escrito, num livro de Diniz Machado. E era evidente que o filme nunca era contado como se tinha passado. Era evidente que eu ia ver um filme de cowboys e gostava mais de um herói e outro gostava mais de outra personagem. Logo, eu contava o filme favorecendo o meu herói e o outro a mesma coisa. Havia toda uma postura narrativa que tinha muita graça. Aprendemos a contar histórias com as imagens dos filmes. O cinema foi também uma "escola de sexualidade".

Apesar do grande aperto censório, pois não havia cenas como hoje há.

Era uma "escola" inocente comparada com o que se passa hoje. Mas era o que havia. O cinema também tinha outra coisa muito interes-

sante. Havia um intervalo. O intervalo não era um período para fumar um cigarro. Era um momento para falar com os outros sobre o filme. Também ninguém ia a um cinema e depois vinha para casa. Ia-se a um sítio qualquer e conversava-se. Aí começávamos a ver como se vê o filme. Um filme só se vê quando acaba a projecção, como um livro só se lê depois de fechado. Essa vida social de discussão, de confronto de pontos de vista, era muito importante.

Houve também os cineclubes...

Isso foi das coisas mais importantes do ponto de vista cultural e mais enriquecedoras que vivi enquanto estudante universitário. Nos cineclubes, misturávamos-nos com indivíduos que não eram universitários. O cinema era um cadilho de interesses vários. Fundamentalmente, era o cinema, mas era também o cultural, o político... Tudo isso estava metido. Evidentemente, isso veio a notar-se em certas pessoas. A literatura portuguesa até à minha geração teve muito poucos ficcionistas. Da minha idade o único ficcionista de prosa era eu. O Cesarini e o Aníbal eram poetas. O cinema é realmente uma base importante do discurso directo.

Porque é que diz isso? Por causa dos diálogos, das citações...

A descrição é viva. O primeiro cinema tinha muita narrativa oral. Isso começou a influenciar a literatura. Mesmo assim a literatura portuguesa não usa muito o discurso directo. Quando dizem que eu tenho uma literatura cinematográfica, é natural...

Bebeu-a nas sessões de cinema...

Obviamente e por uma reacção. O primeiro livro que escrevi foi todo em discurso directo. Era quase como um desafio. Aliás, o livro não era nada bom mas era por isso mesmo. Eu quis mostrar que era capaz de fazer assim. Por outro lado, eu tinha uma tradição anglo-saxónica. Por causa de ter uma professora inglesa, já de idade, eu lia tudo. Lia livros que hoje não sou capaz de ler.

Livros ingleses?

Sim. Ela era uma excelente professora. Era uma senhora já de idade, com piada, que nunca me pôs um livro à frente. Apenas me fazia ler jornais e revistas.

A partir dos jornais e revistas ela fazia-o ler livros?

Ela emprestava os livros que eu queria. Mas as aulas eram dadas pelos jornais. Ela pegava num jornal e dizia-me: "Lê aqui... O que é que achas disto?". Depois, cada vez que eu dizia uma palavra em português ela dava-me uma palmada na mão.

Ainda hoje alguns defendem a leitura da imprensa como uma boa pedagogia...

E eu fiz muito isso nas escolas onde andei. Quando dei aulas, no King's College, também utilizei jornais portugueses.

Depois, no liceu, era costume contar o filme aos outros. Isso está escrito, e muito bem escrito, num livro de Diniz Machado.

Voltando ao cinema. Naquela altura, não se dizia do cinema o que se diz hoje da televisão?

É natural que se dissesse mas dizia-se de outra maneira.

O cinema era uma arte suspeita para o poder de então. Para um regime totalitário todas as artes são suspeitas. Por isso, eles cortavam. E havia coisas incríveis. Nalguns filmes os cortes eram de tal ordem que não se conseguiam perceber. Simplesmente, a opinião pública não dizia mal do cinema como a opinião pública diz hoje mal da televisão.

Pensa então que hoje as pessoas não vão buscar à televisão essa vitalidade que o cinema lhe deu a si.

Acho que não. Em primeiro lugar, este é o país da Europa onde se vê mais televisão. Isso é mau sinal.

Tempo aplicado na televisão já não se pode aplicar noutra coisa...

Ou não se tem meios. Para onde é que vão os velhos reformados? Ou vão jogar às cartas para o jardim ou estão a ver televisão.

Voltando ao King's College, como é que foi lá parar?

Através de um convite para ir para lá, por um ano. Acabei por ficar três anos. Em 69, 70 e 71. Antes do 25 de Abril.

Esse reconhecimento internacional deve ter sido muito importante...

Sim. Foi óptimo. Foi um passo para um mundo livre, numa época maravilhosa em todos os aspectos. Era a época dos Beatles. Londres era a cidade mais bonita do mundo. E tudo o que ali se fazia era maravilhoso. A música ligeira tinha uma qualidade espantosa. As pessoas que ouviam aquela música, que parecia fútil, ao ficarem atentas às letras, percebiam. Era uma geração de gente com piada.

Depois, vim para Portugal para um projecto que se estava a fazer no Diário de Lisboa. A seguir veio o 25 de Abril e, passados dois anos, fui para director do Diário de Lisboa. Estive lá dois anos e vim de lá "a fugir". Desisti de tudo e comecei só a escrever. Em 81, voltei para Londres, convidado pela Universidade. Já não estava ligado ao King's College mas antes ao Sant Anne's College. Estive lá um ano.

O que é que acha que era preciso fazer para as coisas melhorarem e para os alunos terem mais gosto em ler e em escrever melhor?

Portugal tem 13 por cento de analfabetos. Assim, não é possível ler muitos livros. Depois, há uma agressão constante à cultura literária. Já pensaram o que é um país como este, de 10 milhões de habitantes, com, todos os dias, os telejornais, às vezes em três telejornais, a darem passagens de modelos? Nem em França é assim. Somos um país com um gasto enorme em moda. Eu não tenho nada contra os desig-

ners, os estilistas, mas é uma coisa perfeitamente inexplicável. Porque é que todos os dias aparecem estilistas e desfiles de moda quando o país não tem poder de compra? Para a moda há dinheiro. Para a literatura já não há.

A televisão faz poucas referências à literatura?

A televisão ignora-a totalmente.

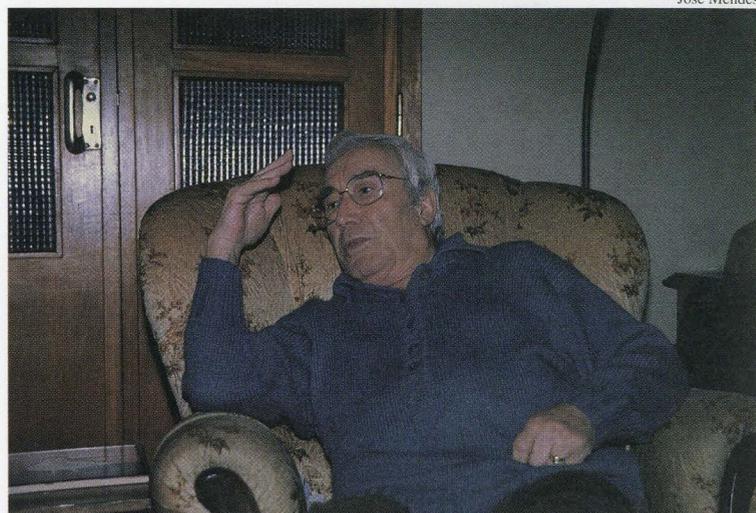
E era uma coisa a fazer?

Sim. Mas tinha de ter outro nível.

Faz falta um Bernard Pivot na nossa televisão?

Sim. Claro que faz falta. Temos bons comentadores, como a Clara Ferreira Alves, o Francisco José Viegas. Por vezes, há bons programas, mas são postos a que horas?!!!

José Mendes



Às duas da manhã...

Ah! É para diminuir a culpa, limpar a consciência.

A televisão devia então tratar a cultura e a literatura...

O problema da literatura está em não haver uma consciência pública mínima do seu valor. A consciência cultural colectiva é muito baixa.

A consciência cultural colectiva é muito baixa.

Mas como é que essa consciência podia aumentar?

Tinha de se criar uma imagem que suscitasse o interesse por certas coisas. Também é preciso pensar no problema da língua. O que está na berra é o facto de os americanos precisarem de uniformizar a língua por causa da informática. Eles não podem ter duas escritas no português. É por isso que existe este sarilho todo. Não é por se precisar de escrever *fato* e não *facto*. Como é que um português pode escrever *facto* sem *c*? Os brasileiros podem porque têm o termo

terno que quer dizer *fato*. *Fato* para eles é um acontecimento. *Camisola* em brasileiro quer dizer *camisa de dormir*. Mas isso é o menos. Aí há interesses e

O grande pólo didáctico mais elementar e mais português é (poderia ser) a televisão.

havendo interesses as coisas mexem-se.

O grande pólo didáctico mais elementar e mais português

é (poderia ser) a televisão. Por causa do Prémio Pessoa, fui entrevistado no telejornal por uma senhora. No final, apareceu alguém pelas minhas costas. De repente, apercebi-me que ele estava a fazer sinais para a senhora. Quando acabou e eu saí oiço uma pequena conversa. Ele a dizer "Sete minutos de entrevista!" e ela a dizer "Cala-te. São ordens".

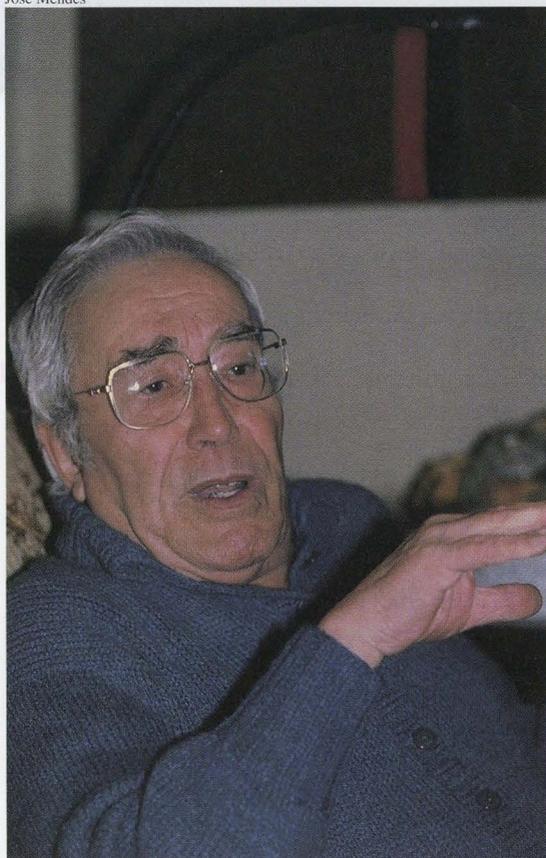
Ele estava a achar exagerado o tempo da entrevista...

Sim. E depois vim a saber que eram ordens de cima, senão ela não poderia ter feito uma entrevista tão longa. Ora isto revela que eles têm perfeita consciência do que estão a fazer. O que eles querem é audiência.

Portanto, em sua opinião, é de facto a televisão um dos sectores onde deveria ser feito um certo esforço.

Mas um esforço envolvente, inteligente. Não se pode encher tudo de literatura.

José Mendes



Claro, porque às tantas já ninguém vê nada disso...

Por outro lado, há coisas que a televisão faz que eu acho bem feitas. Por exemplo, a Universidade Aberta (UA).

Deveria fazer-se mais nesse sentido...

Não. Acho que era preciso variar. A UA tem mesmo um espírito de universidade. Há muitas outras maneiras de pegar na literatura e de levar a ler, assim como aos jornais. Agora, obstruí-la é que não. Devia haver um programa que tivesse um sentido de escolha.

Costuma ir às escolas?

Sim.

Acha que é importante?

Acho que sim. Estive agora num liceu em Ponta Delgada e fiquei admirado.

As perguntas dos alunos foram muito inteligentes.

Ficou surpreendido com a forma como os alunos o interrogaram?

Sim. Mas depois comecei a perceber que a relação dos professores com os alunos era muito mais íntima do que normalmente.

Mas hoje isso já acontece em muitas escolas...

Sim. Tenho ido a várias. Fui, por exemplo, à Sebastião da Gama, em Setúbal.

E também não ficou mal impressionado.

Não, não fiquei mas os alunos não eram tão vivos como os dos Açores.

Os professores podem fazer alguma coisa para que os alunos gostem de ler José Cardoso Pires e outros autores?

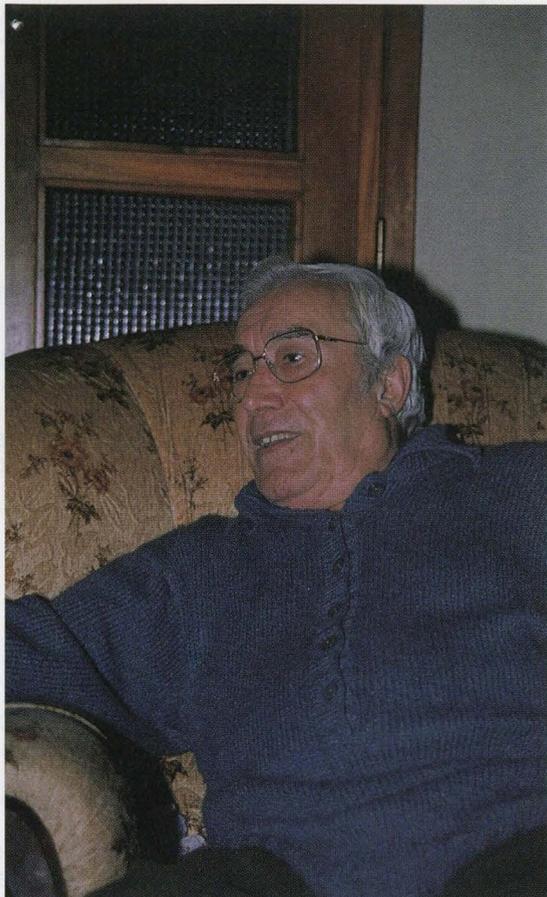
Acho que sim.

O quê, por exemplo?

Penso que podem pegar na literatura e levá-la para dentro da escola, para dentro da sensibilidade dos alunos. Podem também dar atenção ao cinema.

Das posições que tem defendido pode retirar-se que a literatura, sozinha, não resolve os problemas. É preciso pensar na Matemática, no cinema...

Cada disciplina envolve métodos de ensino próprios. É um assunto que, se calhar, está a ser estudado. Não sou ingénuo para dizer que é muito fácil. Mas estou convencido que há uma grande convergência nos esquemas de criação de jogo da escrita e de jogo da expressão matemática. Não aceito análises a um texto perdido no tempo, como faz um "carrasco" qualquer, do género: dividir as orações, passar para a passiva, etc...



Coisas mecânicas...

Sim, isso não interessa nada. Provavelmente, a primeira regra para escrever bem é saber gramática, a segunda é esquecê-la. Se não se fizer isso está tudo perdido. Com a matemática é igual. Só se esquece o que se sabe. Picasso e Dali faziam desenhos naturalistas que eram uma maravilha. Depois, "esqueceram-se" do que sabiam para inovar.

Quanto mais se comprometerem os conhecimentos entre si mais criam estímulos. O maior xadrezista deste mundo é matemático? Se calhar não. É capaz de ser músico.

Nesse sentido, a escola compartimenta muito os saberes. A sua ideia é a de que se aprenderia melhor se não fosse assim.

Não quero chegar a esse ponto, que me parece uma ideia renascentista, um pouco difícil de atingir. O que quero dizer é que, se falamos de whisky, convém falar de nozes moscadas ou do terreno onde se dá o whisky, ou da fermentação, dos livros que se escreveram sobre o whisky e sobre os escritores bêbados. Assim, falamos de qualquer coisa. É claro que isto é tão teórico, tão pouco pessoal e tão pouco fundamentado que poder-me-iam dizer: "Então as aulas começavam às 5 da manhã e acabavam às 11.30 da noite, porque não haveria tempo para dar tudo". Como vê, não tenho autoridade para estar a dar estas sugestões.

Quem é José Cardoso Pires

Considerado um dos mais importantes nomes da ficção portuguesa dos últimos 50 anos, José Cardoso Pires nasceu em 1925.

Depois de ter passado pelo Liceu Camões, acabou por ingressar na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, no curso de Matemáticas, que nunca chegou a terminar. Apesar desta opção pelo mundo das matemáticas, foi através da literatura que se afirmou profissionalmente. Entre 1970 e 73, foi convidado a leccionar Literatura Portuguesa no King's College, em Londres. De regresso a Lisboa, assumiu a função de director do jornal "Diário de Lisboa". Posteriormente, foi designado conselheiro do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa.

São romances de sua autoria "O anjo ancorado" (1961); "O hóspede de Job" (1963) - galardoado com o Prémio Camilo Castelo Branco; "O Delfim" (1968) - considerado o livro do ano pela imprensa estrangeira; "Balada da Praia dos Cães" (1982), merecedor do título "Grande Prémio do Romance", instituído pela Fundação Gulbenkian, seleccionado para "Livro do Ano" pelo Sunday Times. A culminar a lista dos romances "Alexandra Alpha" (1987), livro que foi prémio da Associação de Críticos Brasileira.

De referir ainda as peças teatrais "O render dos heróis" (1960) e "Corpo-Delito na sala de Espelhos" (1980) e algumas produções literárias: "Jogos de azar" (1963), "O burro-em-pé" (1979), "A República do Corvos" (1988), "Cartilha de Marialva" (1960), "E agora, José?" (1977), "A cavalo no diabo" (1994), "De profundis, valsa lenta" (1997) e "Lisboa, livro de bordo" (1997). As suas obras encontram-se traduzidas por diversas editoras estrangeiras, tais como: Beaufort Books (Nova Iorque); J.M. Dent (Londres); Editions Galimard (Paris); Feltrinelli Editori (Milão); Carl Hanser Verlag (München) e Rutten & Loening (Berlim); Izdatielsvo Progries (Moscovo) e Editora Civilização Brasileira (Rio de Janeiro). Entre os prémios recebidos, destacam-se "Prémio Internazionale Unione Latina" (1991), "XXV Prémio Internazionale Ultimo Novecento" (1991), bem como os recentes "Prémio Pessoa" (1997) e "Prémio D. Dinis" (1997).

José Mendes

